A woman with dark skin, wearing a yellow top and a black headscarf, is shown in profile, looking towards a screen. The screen displays two people: a woman in a black uniform and a man in a white lab coat. The background is a dark, textured wall with a vertical light gradient.

Violência obstétrica em pessoas negras

FICHA TÉCNICA

Coordenação

Ana Cláudia de Jesus Barreto

Colaboradoras

Ana Beatriz Souza Pontes (bolsista PROEX)

Juliana Desiderio Lobo Prudencio

Jussara Francisca de Assis dos Santos

Design Gráfico e revisão textual

Agência S1M

Apoio

Pró-Reitoria de Extensão - PROEX

Número de SIGPROJ

375611.2149.353317.22022022

www.proex.uff.br

 /extensaouff

 @proexuff

 @proexuff

Realização



APRESENTAÇÃO

A cartilha em mãos é produto do curso de extensão Racismo e Serviço Social: Por um exercício profissional qualificado na direção de uma sociabilidade livre do racismo. Realizado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Espaço e Raça - NEPER da Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes, sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Cláudia de Jesus Barreto e colaboração da Profa. Dra. Juliana Desiderio Lobo Prudencio, e com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX).

Desejando levar os conteúdos ministrados pelos/as professores/as do curso, elaboramos **essa cartilha para você, pessoa que gesta**. Por entendermos que é uma forma de levar informações tão necessárias no combate ao racismo e a violência obstétrica contra as mulheres negras e pessoas que não se identificam como mulheres, mas que possuem capacidade reprodutiva (pessoas não binárias, ageneres, transsexuais). A cartilha "**Violência Obstétrica em pessoas negras**" foi produzida a partir da aula da Profa. Dra. Jussara Francisca de Assis dos Santos e tem relação com a pesquisa realizada para a tese de doutorado da professora, defendida em setembro de 2019. Naquele momento, o foco da pesquisa eram mulheres negras, porém, é necessário reconhecer que a violência obstétrica atinge de maneira interseccional pessoas que gestam, tendo como marcadores gênero, raça e classe.

As mulheres negras são as que mais sofrem violência obstétrica em decorrência do racismo estrutural e institucional. O corpo da mulher negra é visto como aquele que não sente dor e, por isso, lhe dispensa um tratamento inadequado, fugindo muitas vezes dos protocolos do Ministério da Saúde para a realização dos partos.

Conhecer para entender. Resistir é necessário! Que a cartilha alcance muitas mulheres negras, não negras, pessoas que gestam, pessoas em puerpério, seus familiares, profissionais de saúde e sociedade em geral. Que elas saibam romper o silêncio, que historicamente foi imposto pelo patriarcado e o racismo. Ubuntu!

SUMÁRIO

Nossos passos vêm de longe	5
E, hoje como são vistos os corpos das pessoas negras?	8
Racismo e violência obstétrica	14
Você sabia que...	16
Tipos de violência obstétrica	17
A dor tem cor nas maternidades do Brasil	19
Caso de violência obstétrica contra a pessoa negra	21
Sobre a Episiotomia	23
A pessoa negra também sente dor, sim!	26
Racismo obstétrico na pandemia da Covid-19	28
Vamos falar sobre a branquitude?	29
Justiça Reprodutiva	32
A voz que se levanta	33
Referências	36

NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE

Antes de abordar sobre a violência obstétrica contra as mulheres negras, é importante falar um pouco sobre a formação sócio-histórica brasileira e como influenciou o olhar que a sociedade tem sobre as pessoas e mulheres negras.

Mulheres negras do Rio de Janeiro. Da Viagem Pitoresca ao Brasil, 1835



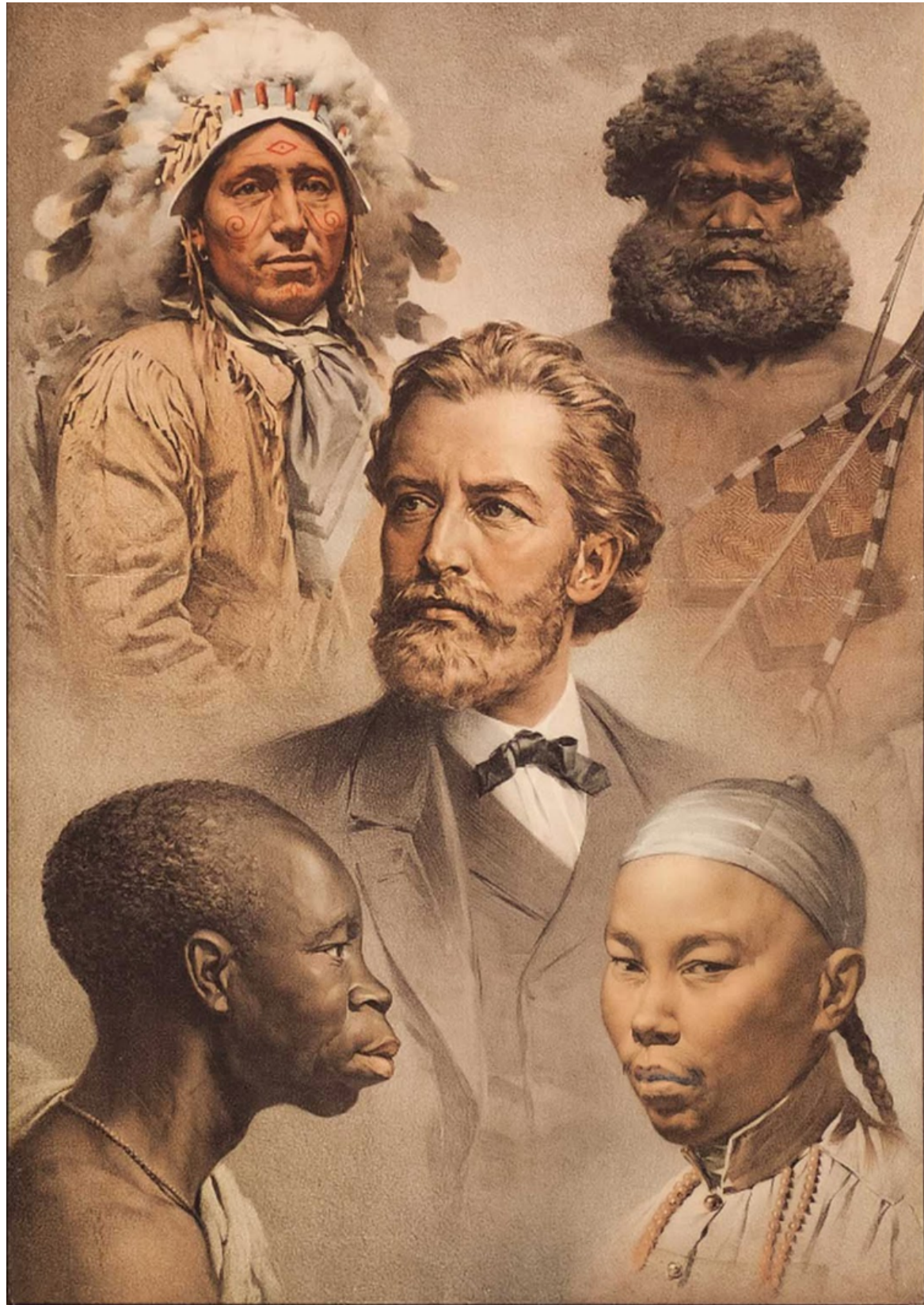
Fonte: Rugendas, 1835.

Na imagem temos duas mulheres negras que demonstram o cuidado e o protagonismo. No centro da imagem tem uma criança carregada no sling [1] por sua mãe, para deixar suas mãos livres para o trabalho e, ao mesmo tempo, o cuidado com sua prole.

São mulheres trabalhadoras. Uma com o cesto de frutas na cabeça e a outra com um baú, um pano branco com alguns objetos. Tem ali um pente garfo, que tem relação com o cuidado, com o cabelo crespo, com a especificidade do cabelo negro.

Os colonizadores construíram uma ideia de raça (índios, negros e mestiços) e de diferenças a partir dos traços fenotípicos, estabelecendo assim, que os brancos eram superiores em relação aos negros, puramente por uma questão biológica e transformou os corpos negros em subalternos e escravizados, sujeitos aos castigos e a todo tipo de violência.

Representação das raças humanas. O Europeu, ao centro, mostra a visão de mundo eurocêntrica do século XX.



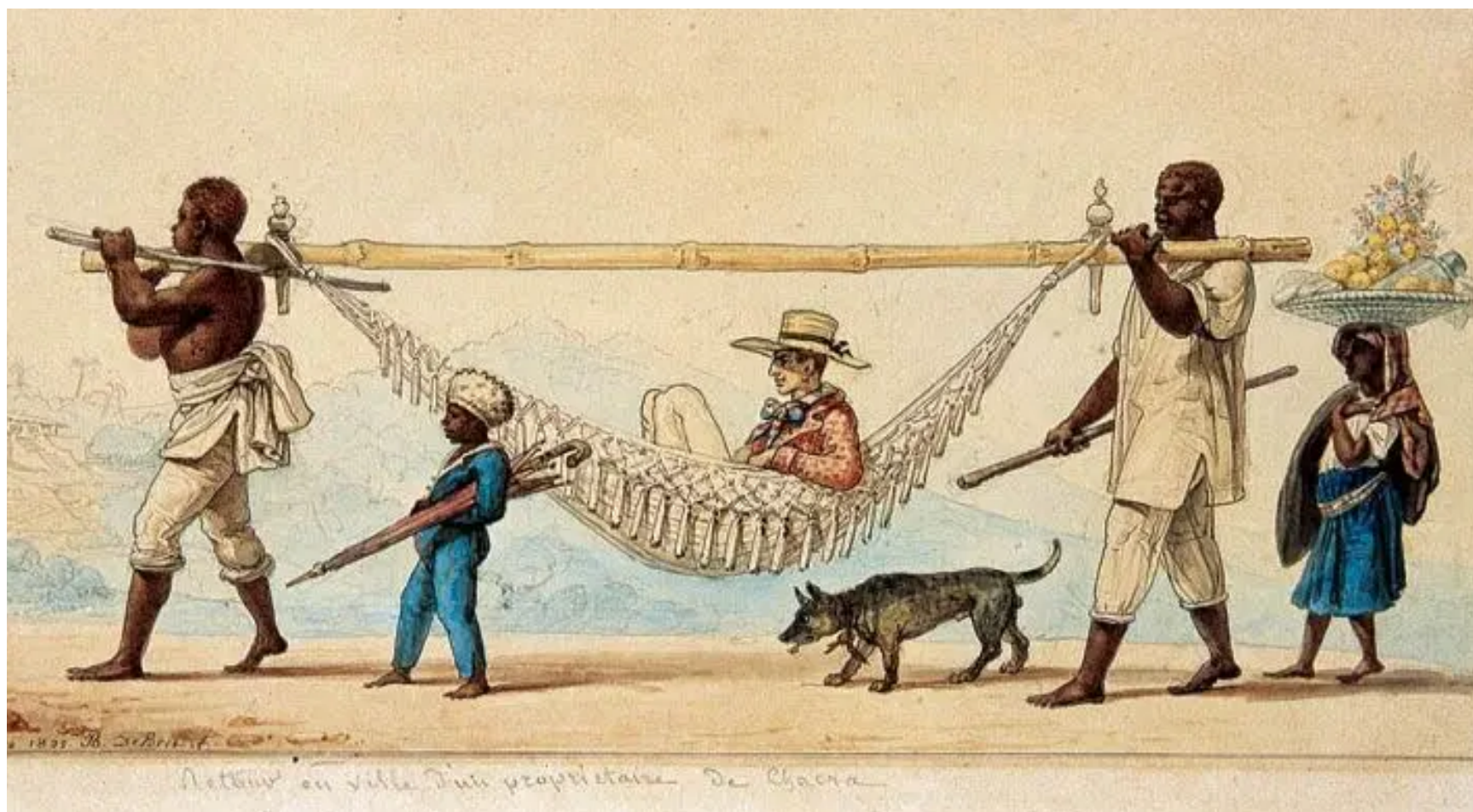
Fonte: rarehistoricalphotos.com

Foi estabelecido pelo europeu que o formato do crânio, os traços do rosto e o tipo de cabelo determinaria quem seria superior e inferior na sociedade.

E nessa história os europeus se definiram como pessoas superiores, como exemplo de humanidade e perfeição.

As pessoas negras foram transformadas dentro dessa ideia de poder, em objetos, posse do comprador, para que assim os europeus colonizadores, tivessem controle e domínio sobre os seus corpos e, para servir de mão-de-obra nas colônias. Assim tornaram-se comercializadas como coisas. Não eram vistos como seres humanos e, por isso, destituídos de direitos.

Retorno de um proprietário (1816-1831)



Fonte: Debret.

[...] Essas teorias trouxeram uma interpretação de “raça pura e evoluída” que representava o povo branco europeu, e “raça inferior atrasada” qualquer outro povo que não condizia com os fenótipos caucasianos do Norte.

(STEHL; SILVA, 2021:15)

E, HOJE, COMO SÃO VISTOS OS CORPOS DAS MULHERES NEGRAS?

A mulata grande, 1980.



Fonte: arteeartistas.com.br

O corpo da mulher negra é visto como um corpo público, um corpo vulnerável. Como se todos tivessem livre acesso para fazer dele o que desejarem. O uso de certas expressões dirigidas às mulheres negras está relacionado ao racismo na linguagem. Na imagem também vemos corpos brancos, e onde eles estão? Estão sendo servidos pelos corpos negros.

“

**Não sou tuas negas.
A cor do pecado.
A quente.
Só serve para o sexo.**

”

“

O Brasil é o país da cordialidade violenta, em que homens brancos se sentem autorizados a aviltar uma mulher negra e depois dizer que foi só brincadeira [...]. O país onde todos adoram samba e carnaval, mas onde se mata mais negros no mundo. O brasileiro não é cordial. O brasileiro é racista.

(RIBEIRO, 2018:120)

”

Sociedade e cultura na obra Mãe Preta (1912), de Lucílio de Albuquerque



Fonte: Sarah Dume.

Essa imagem retratada por Lucílio de Albuquerque, fala do lugar da mulher negra, construído na sociedade escravocrata. Enquanto ela cuida do filho da senhora, o seu é deixado de lado, não porque ela queira, mas, porque era obrigada a agir desse modo, caso contrário era punida severamente.

O seu olhar de ternura em direção ao seu filho, demonstra cuidado, afeto, mas que é impossibilitado de ser tocado por uma estrutura social com base na violência física, emocional e psíquica. Por isso muitas mulheres escravizadas preferiam morrer e matar os seus filhos para não sofrerem dentro dessa lógica perversa. Os corpos negros, foram tratados como meros corpos para servir aos brancos e ainda hoje essa realidade está posta. As mulheres negras saem de casa para cuidar dos filhos de suas patroas brancas, enquanto os seus ficam em casa, sendo cuidado por vizinhos, por algum familiar e isso quando há essa possibilidade. E se algo de errado ocorrer com os seus filhos, são julgadas como irresponsáveis.

“
Precisamos pensar a centralidade desses corpos enquanto corpos políticos e não como corpos subalternizados, como o modo de produção nos faz pensar e molda a imagem desse corpo, como um corpo subalternizado com uma imagem engessada, cristalizada em um determinado lugar e geralmente é o lugar do não direito, é um lugar da morte como um todo, não só a morte física, mas também social, o da invisibilidade. (Informação verbal)¹”

¹ Informação fornecida por Jussara Francisca de Assis dos Santos, na aula do Curso de extensão Racismo e Serviço Social, em maio de 2022.

NÃO SOU TUAS NEGAS

“Remete à época da escravidão, quando as mulheres negras eram consideradas propriedade dos seus ‘senhores’, usadas para satisfazer seus desejos sexuais. Além de profundamente racista, o termo é carregado de machismo.”. (Defensoria Pública da Bahia, “Dicionário de expressões (anti)racistas”, p. 19)

COR DO PECADO

“‘Elogio’ proferido por pessoas brancas, mas que carrega a hiperssexualização dos corpos negros, estigmatizados no período colonial, quando os ‘senhores’ violentavam sexualmente mulheres negras e encaravam como um momento de diversão.”. (Defensoria Pública da Bahia, “Dicionário de expressões (anti)racistas”, p. 12)

Baile popular. Di Cavalcanti



Fonte: artefontedeconhecimento.com

O corpo da mulher negra é visto como o da malemolência, o corpo lascivo, pronto para o sexo e que mulheres negras engravidam para receber um valor maior do auxílio-emergencial ou do antigo Bolsa-Família. Essa associação é violenta e discriminatória e vai se expressar na criminalização da gestação e na violência obstétrica contra as mulheres negras.

RACISMO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

O racismo estrutural e institucional vai construir as interpretações desse corpo e vai dialogar com a violência obstétrica

O QUE É RACISMO ESTRUTURAL?

O racismo é decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. (ALMEIDA, 2019, p. 50).

O QUE É RACISMO INSTITUCIONAL?

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. (ALMEIDA, 2019, p.40)

O QUE É VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA?

A violência obstétrica atinge diretamente as mulheres e pode ocorrer durante a gestação, parto e pós-parto. É o desrespeito à mulher, à sua autonomia, ao seu corpo e aos seus processos reprodutivos, podendo manifestar-se por meio de violência verbal, física ou sexual e pela adoção de intervenções e procedimentos desnecessários e/ou sem evidências científicas. Afeta negativamente a qualidade de vida das mulheres, ocasionando abalos emocionais, traumas, depressão, dificuldades na vida sexual, entre outros.

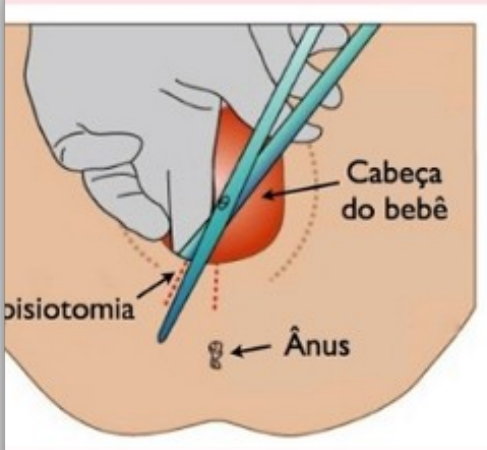
“ O racismo institucional tira de nós o direito de acessarmos os serviços, manifestando-se nas normas, nas práticas, nos comportamentos discriminatórios. (Informação verbal)² ”

2 Informação fornecida por Jussara Francisca de Assis dos Santos, na aula do Curso de extensão Racismo e Serviço Social, em maio de 2022.

VOCÊ SABIA QUE...

No início da cesárea no Brasil, os testes eram feitos em mulheres pretas escravizadas. É irônico pensar que testamos uma técnica em corpos negros lá atrás e, agora, negamos anestesia a uma mulher dizendo ‘você é resistente e vai dar certo’ porque ela é preta. "Isso vem de muito longe na história da obstetrícia", comenta em referência ao fato de que o cirurgião José Maria Picanço (barão de Goiânia) teria sido o primeiro a fazer uma operação cesariana no Brasil, aplicando a técnica em uma mulher negra escravizada em 1817, no Recife (PE). (apublica, 2020).

TIPOS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA



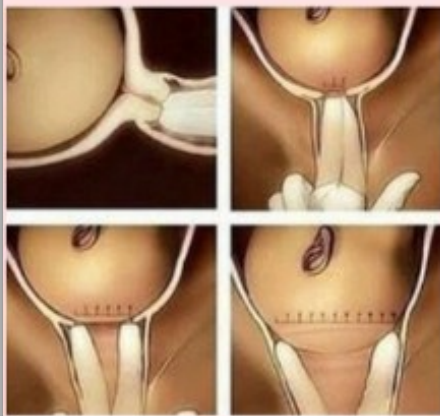
Episiotomia

Corte feito na vagina com a desculpa de "acelerar o parto".



Violência Verbal

Quando profissionais da equipe médica e do hospital ofendem a gestante através de palavras e geralmente de forma agressiva.



Exame de Toque em Excesso

A paciente se sente constrangida com tantos exames de toques que são feitos desnecessariamente



Manobra de Kristeller

Quando o profissional faz força na barriga da gestante.



Contato Pele a Pele Negado

Quando a equipe demora a levar o bebê até a mãe



Lei do Acompanhante

De acordo com a lei federal 11.108, a mulher deve ter um ou uma acompanhante



Negar Analgésico

Quando a equipe se nega a fornecer analgésico para diminuir as dores ou ocitocina para acelerar o trabalho de parto





“Mulheres pretas têm quadris mais largos e, por isso, são parideiras por excelência.”

“Não grite!”

“As negras não precisam de anestesia, elas são mais fortes.”

Essas expressões são comuns entre a equipe de saúde quando tratam mulheres negras no período que antecede o parto ou durante o mesmo, revelando o racismo obstétrico. As mulheres negras são aquelas que menos recebem anestesia para aliviar a dor e a que menos consegue realizar o número de consultas pré-natal.

“

“Negra é como coelho, só dá cria”

“O parto das mulheres negras são mais fáceis”

”

“

“Mulheres bomba”

É uma expressão usada pelos profissionais da saúde quando se referem aquelas mulheres do norte do Brasil, das comunidades ribeirinhas, que tem a prática do parto domiciliar e quando há uma complicação elas precisam acessar as unidades de saúde.

”

CASO DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA CONTRA A PESSOA NEGRA

“Já vamos voltar com seu remedinho!”, foi a promessa que Michele Monteiro ouviu ao pedir anestesia a uma médica de plantão no final da tarde. Já passava das 22 horas do dia 24 de janeiro quando enfermeiras finalmente chegaram para ministrar um medicamento supostamente para amenizar as dores intensas que ela sentia. Grávida do seu quinto filho aos 42 anos, Michele estava em trabalho de parto há pelo menos 12 horas, em jejum, no Hospital Municipal Dr. Moysés Deutsch, na estrada do M’Boi Mirim, zona sul da cidade de São Paulo.

[...]“Depois que aquilo entrou na minha veia, eu me senti esquartejada. Eu nunca senti uma coisa tão horrível na minha vida. Era uma dor como se eu estivesse levando várias pancadas no abdômen. Meu filho se encolhia de uma forma... Era uma contração horrível. E eu só pensava que iria morrer, ou ele iria morrer. Um dos dois”, lembra.

[...] A autorização para a cesárea veio às 00h20. A todo momento, enquanto implorava pela cesárea e pela anestesia, Michele insistia que ela já havia ultrapassado o limite do seu corpo.

COMO RESPOSTA, OUVIA FREQUENTEMENTE:

“MAS COMO? VOCÊ TEVE QUATRO FILHOS, DOIS NORMAIS, DOIS FÓRCEPS.

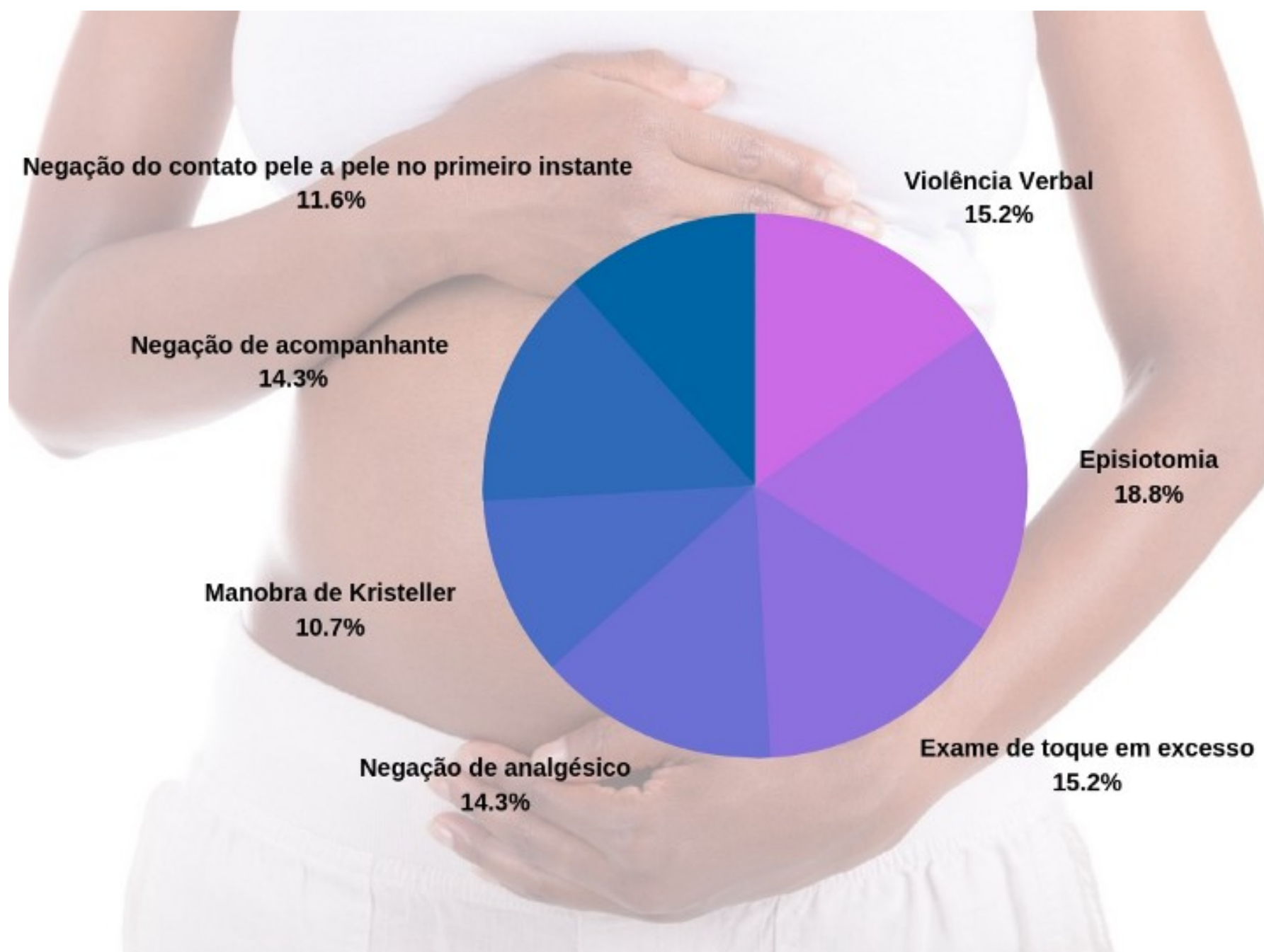
POR QUE VOCÊ NÃO TENTA MAIS UM? VOCÊ É FORTE, VAI CONSEGUIR”.

Fonte: Apublica, 2020.



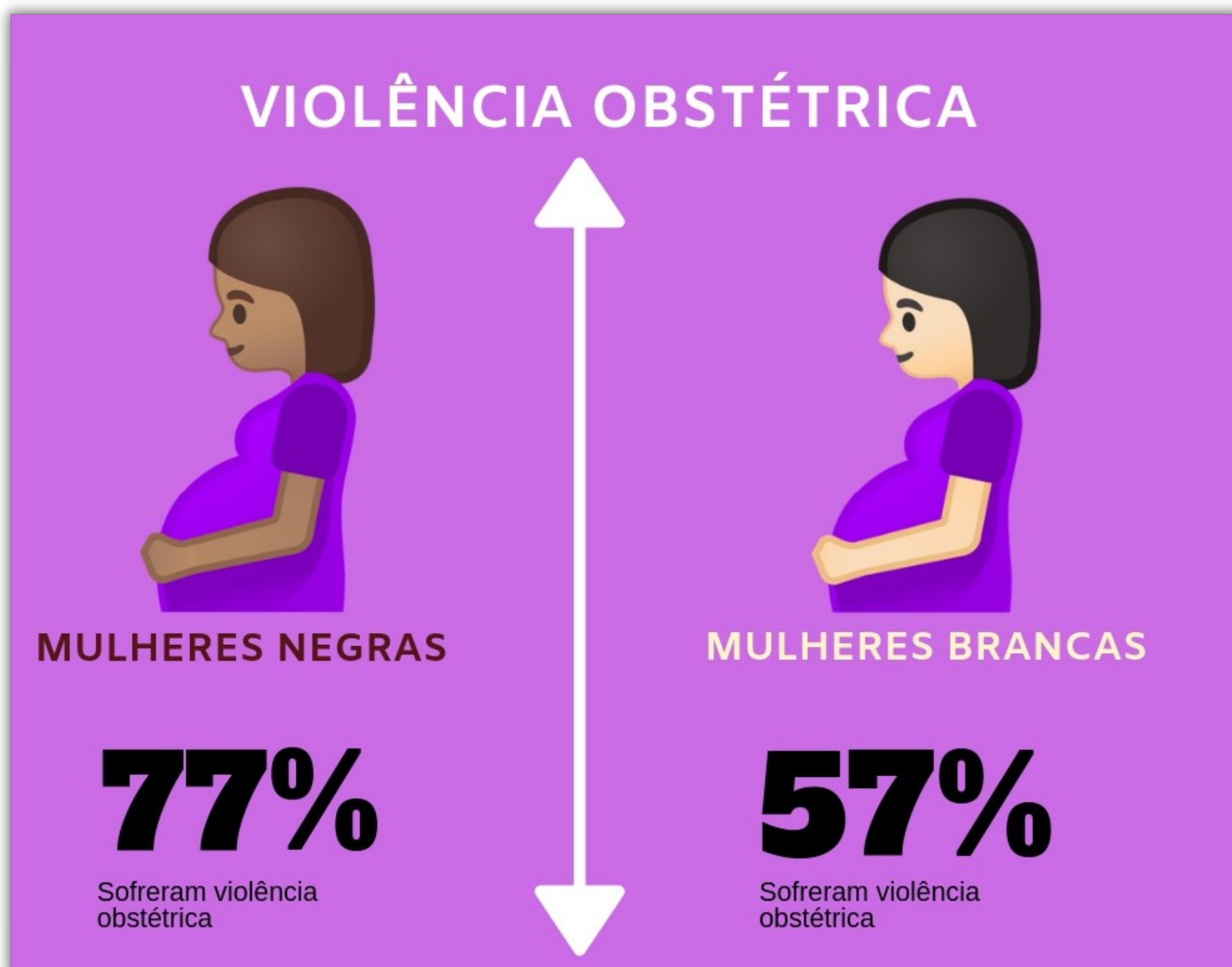
De acordo com a pesquisa realizada através de um formulário online com um espaço amostral de 57 mulheres, 63% das entrevistadas relataram ter sofrido pelo menos um tipo de violência obstétrica (Figura 1) e aquelas que mais sofrem violência obstétrica, são as mulheres negras (Figura 2). (SOARES, 2019)

Figura 1



Fonte: Soares, 2019.

Figura 2



Fonte: Soares, 2019.

SOBRE A EPISIOTOMIA

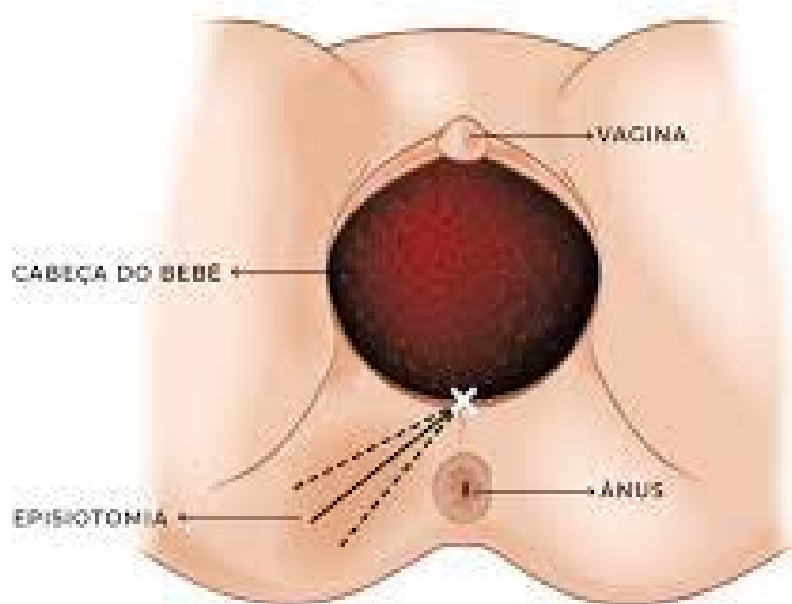
É um corte feito na região do períneo para ampliar a passagem do bebê em partos vaginais e as pesquisas demonstram que as mulheres negras recebem menos anestésico para esse procedimento.

Os resultados da pesquisa: Nacer no Brasil: Pesquisa Nacional sobre Parto e Nascimento (2011/2012) mostraram que, apesar de sofrerem menos

episiotomias em comparação às brancas, mulheres negras tinham chances menores de receber anestesia durante o procedimento.

“O que a gente encontrou foi que, durante a episiotomia, que por sinal não é mais uma prática que se recomende que seja feita, a chance de a mulher negra não receber anestesia é 50% maior”.

Fonte: Apublica, 2020.



Alunos de medicina e residentes entrevistados numa pesquisa ratificaram o “racismo internalizado”, de que, ao se comparar pretos e brancos, os primeiros eram tidos como mais resistentes à dor. (LEAL, et al, 2017) Por isso:

“

O uso diferencial de analgesia segundo grupos raciais possivelmente se associa a percepções sociais que se baseiam na existência de profundas diferenças biológicas supostamente intrínsecas. (HOFFMAN, et al, 2016, p. 113 apud LEAL et al, 2017, p. 10

”

“SE (GRITAR), VOU PARO & NÃO VOU TE ATENDER”

“Na Hora de fazer Não chorou, não chamou a MAMÃE”



“NÃO chora. Amó que vem você está aqui de NOVO”

“Se ficar gritando vai fazer mal pro neném, ele vai nascer surdo”

A PESSOA NEGRA TAMBÉM SENTE DOR, SIM!

O que é uma mulher delicada para você?

O que é uma mulher com dor?

Que imagem vem a sua mente quando pensa em uma mulher delicada ou com dor?

Quando realizamos uma pesquisa no google sobre esses assuntos geralmente as imagens que aparecem são das mulheres brancas, em sua maioria.

O que isso quer dizer? Quer dizer que ser delicada ou sentir dor está associada as mulheres brancas e que essas devem ser cuidadas. Enquanto, as mulheres negras são aquelas que não sentem dor e tão pouco são delicadas e essa representação vai ter um efeito violento no momento do parto, por exemplo, quando elas recebem menos anestesia ou quando escutam frases humilhantes.

Resultados da pesquisa



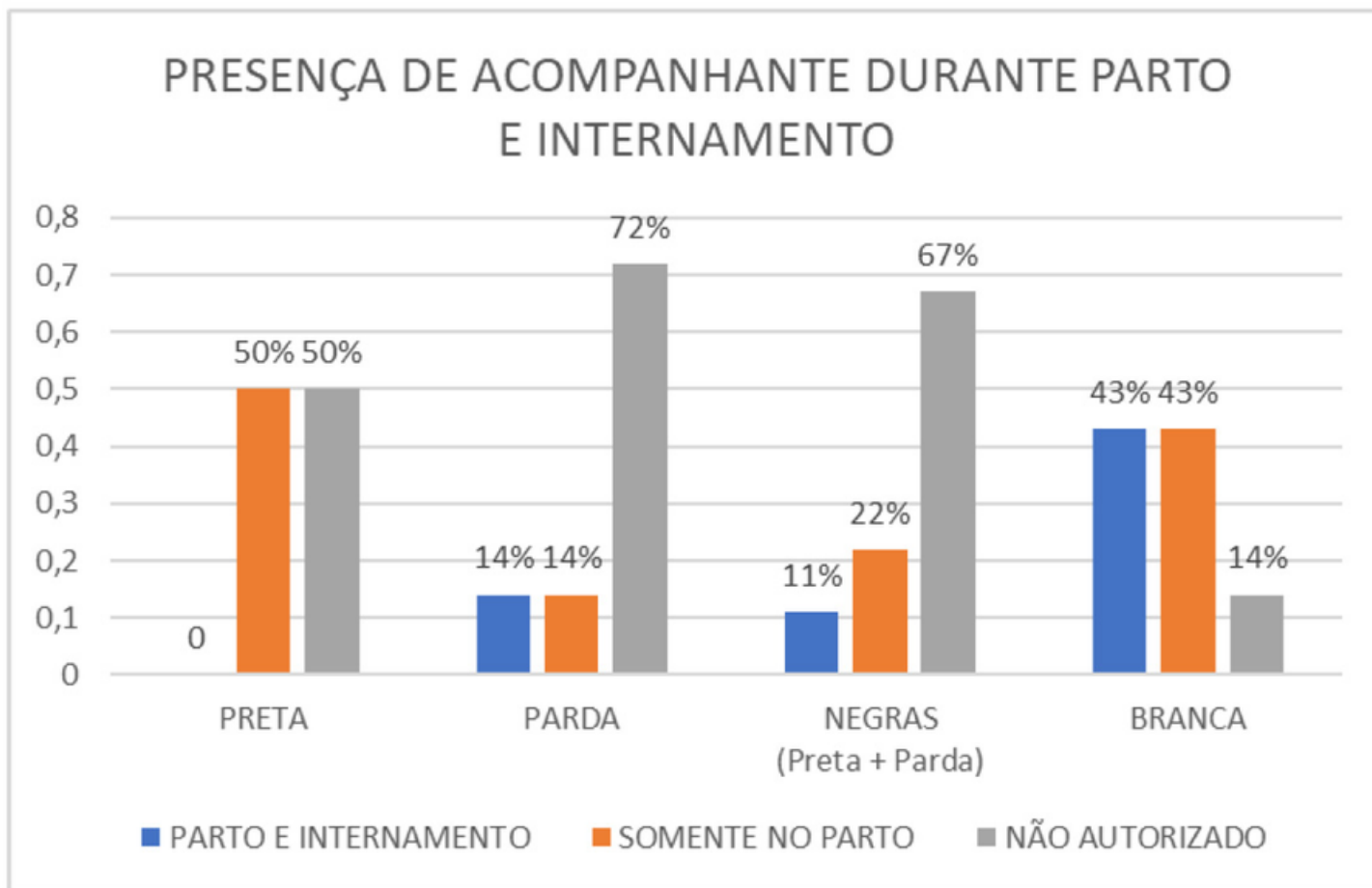


Enquanto isso, no racismo institucional, a imagem da mulher negra está associada à mulher raivosa, de favela, a mulher que grita.

“Muitas vezes os/as assistentes sociais são chamados/as para atuar nesses conflitos dentro das instituições, mas precisamos também entender que essas manifestações, são manifestações por direitos, são corpos que historicamente, ao longo das várias fases da vida, foram destituídos de direitos. Muitas vezes quando tem uma manifestação nas instituições e que é para pleitear direitos, pleitear atendimento por essa via, que é a via do grito, é a via realmente do grito que eu quero o meu direito, exatamente a nível de reivindicação, é de reivindicação de direitos e não enquanto aquelas barraqueiras, aquelas mulheres de favela que vem aqui tumultuar o serviço”. (Informação verbal)³

³ Informação fornecida por Jussara Francisca de Assis dos Santos, na aula do Curso de extensão Racismo e Serviço Social, em maio de 2022.

RACISMO OBSTÉTRICO NA PANDEMIA DA COVID-19



Fonte: Mittelbach; Albuquerque (2022).

Esse resultado demonstra que a Lei do direito ao acompanhante (No. 11.108/2005) é seletiva com viés racial. As mulheres brancas têm na maioria dos casos o direito respeitado, enquanto as negras, a maioria, não tem direito a ter direito e acabam passando pelo momento que antecede o parto e o próprio parto, de forma solitária.

VAMOS FALAR SOBRE A BRANQUITUDE?

“

Em relação ao significado da branquitude, pressupõe-se a ideia de que brancos não possuem raça nem etnia e não se encaixariam de forma alguma nos grupos de minorias raciais ou étnicas.

(CARDOSO, 2008, p. 173-198 apud STEHL; SILVA, 2021, p. 17).

”

Os lugares de decisão, não são ainda lugares que tem uma proporcionalidade de pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+. A maioria das pessoas que ocupam cargo de poder e decisões nas instituições, são pessoas brancas. Esses lugares de poder e decisão ainda é o lugar da branquitude. Então, quem toma as decisões dos desfechos dos partos, se precisa ou não da anestesia, se será ou não acompanhada por um familiar, são pessoas brancas. (Informação verbal).⁴



“ O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lócus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2019:85). ”

⁴ Informação fornecida por Jussara Francisca de Assis dos Santos, na aula do Curso de extensão Racismo e Serviço Social, em maio de 2022.

As pessoas brancas a partir do seu lugar de privilégio ditam regras e normas como devem ser tratadas as mulheres negras no processo do parto e além de reproduzirem o racismo, reforçam o estereótipo que as mulheres negras “são parideiras”, “é como coelho, só dá cria”. Dessa forma desrespeita a mulher negra, colocando-a no lugar da promiscuidade, leviandade, que faz sexo de forma irresponsável e, por isso, tem muitos filhos, comparando-a com os animais, que agem pelo instinto reprodutivo e assim, impõe uma lógica pela inferiorização do seu corpo, seu desejo e prazer.

Símbolos ligados as pessoas brancas

- da aceitação;
- da beleza
- da inteligência
- do trabalho
- da honestidade
- do respeito

Símbolos ligados as pessoas negras

- cabelo ruim
- bandido
- desonesta
- nariz de batata
- preguiçosa
- barraqueira
- favelada

JUSTIÇA REPRODUTIVA

O conceito de justiça reprodutiva é construído pela classe popular, mulheres negras cis e trans, especialmente da América Latina e do Brasil.



Fonte: onumulheres, 2018

A justiça reprodutiva está ligada ao conceito do bem viver. Que é a capacidade das mulheres negras de se apropriarem das decisões sobre os seus corpos, da sua sexualidade, da reprodução, de ter acesso aos recursos materiais e políticos que são distribuídos desigualmente na sociedade brasileira. E que vai afetar não somente os indivíduos, mas toda a comunidade e famílias inteiras.

GESTANTES OU LACTANTES

Conheçam seus direitos:

- Seis consultas de acompanhamento pré-natal no SUS, no mínimo
- Atendimento digno e de qualidade no decorrer da gestação, parto e puerpério
- Licença-maternidade de 120 a 180 dias
- Dois intervalos de meia hora para amamentação, se voltar ao trabalho antes dos 6 meses do bebê
- Acompanhante em todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto

Falar de justiça reprodutiva não é somente falar de saúde reprodutiva, mas também da condição integral das mulheres negras, enquanto sujeitos históricos.

A VOZ QUE SE LEVANTA

O parto é um momento delicado para a mulher, é um misto de dor, prazer e expectativas em torno da vinda do/a seu filho/a e que precisa se sentir apoiada e quando passa por experiências de violência obstétrica há um trauma de difícil superação e além do medo de denunciar os profissionais da saúde, de expor a sua dor e de ser diminuída e desacreditada, como é muito comum. Mas, não devemos deixar de tentar, então se você sofreu ou conhece alguém que passou por algum tipo de violência obstétrica:

VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA DEVEM:

Denunciar as más práticas na Secretaria de Saúde do seu Município ou na ouvidoria da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS).

Em caso de ser beneficiária de **plano de saúde**, denunciar quem praticou violência obstétrica nos conselhos de classe e promover na justiça ação para reparação dos seus danos materiais, estéticos e/ou morais.

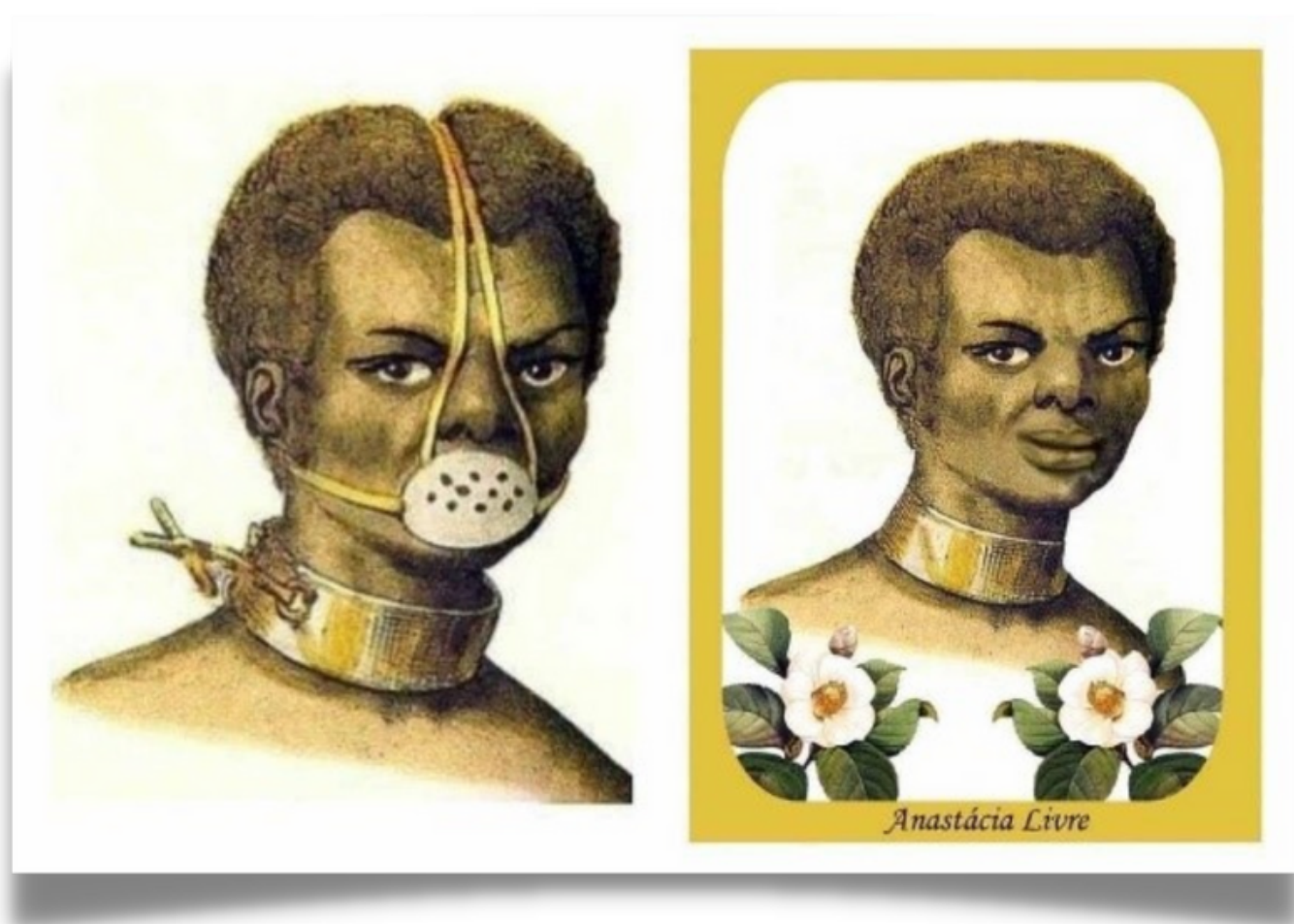
Quanto tempo tenho para promover ação na justiça buscando a reparação pelos meus danos materiais, estéticos e/ ou morais?

Em regra, aquela que sofreu um dano em razão da prática de violência obstétrica, tem o prazo de 03 (três) anos contados da data dos fatos para promover ação judicial buscando a reparação.

“

[...] aquela imagem da escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara.
(EVARISTO, 2017, s/p apud RIBEIRO, 2019:77)

”



Anastácia

Cada útero é uma esperança que renasce
Cada seio que amamenta jorra um desejo que brota: de vida,
da cria, da lida... da criação
Eu, mulher negra, pari quando deixei vir a continuidade de
nossas existências
Tu, mulher negra, pariste quando rompeu todos os silêncios
Nós, mulheres negras, parimos intelectualidade que se forma
da alquimia de nossos saberes ancestrais
Vós, mulheres negras, pariste no passado para que houvesse o
futuro de suas continuidades
Elas, Dandara, Aqualtune, Benguela, Carolina, Beata, Joana,
Maria Antonieta, minha, sua, nossa mãe, avós, tias,
professoras, todas pretas, pariram e parem os nossos passos
Do útero de cada mulher negra há várias formas de
(re)existências.

(Sandra Marcelino, 2020)



REFERÊNCIAS

A MULATA GRANDE, 1980. Disponível em:
<<https://arteeartistas.com.br/biografia-de-carybe-e-sua-obra/>>. Acesso em 10 de Out de 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019

BAHIA. Defensoria Pública do Estado da Bahia. Dicionário de expressões (anti) racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano. Salvador: ESDEP, 2021.

Baile Popular. Di Cavalcanti. Disponível em
<<http://artefontedeconhecimento.blogspot.com/2011/05/mulheresflores-e-araras-di-cavalcanti.htm>>. Acesso em 12 de out de 2022.

DUME, Sarah. Sociedade e cultura na obra Mãe Preta (1912), de Lucílio de Albuquerque. Disponível em:
<http://www.dezenovevinte.net/obras/la_maepreta.htm>. Acesso em 13 de Out de 2022.

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (Volume 2), França, 1835. Disponível em:< <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008516&bbm/3802#page/74/mode/2up>>. Acesso em 11 de out de 2022.

LEAL, Maria do Carmo. et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, p. 1-17, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13 de out de 2022.

MITTELBACH, Juliana; ALBIQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti. A pandemia de Covid-19 como justificativa para ações discriminatórias: viés racial na seletividade do direito a acompanhante ao parto. Revista Scielo, Jan, 2022.
<Disponível em
<https://www.scielo.br/j/tes/a/v6c6pPmxQmxzSKWVkk3Y38w/>>. Acesso em 13 de out de 2022.

Nas maternidades, a dor também tem cor. Mar de 2020. Disponível em:
<<https://apublica.org/2020/03/nas-maternidades-a-dor-tambem-tem-cor/#Link1>>. Acesso em 02 out de 2022.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019.

Representação das raças humanas. O Europeu, ao centro, mostra a visão de mundo eurocêntrica do século XX. Disponível em: <
<https://rarehistoricalphotos.com/five-races-of-mankind-1911/>>. Acesso em 11 de out de 2022

RUGENDAS Johann Moritz. Viagem pitoresca através do Brasil. São Paulo: Linoart, 1953.

SANTOS, Jussara Francisca Assis dos. Aula. [mai. 2022]. Campos dos Goytacazes: RJ, 2022. Aula gravada. Aula realizada por ocasião do Curso de Extensão Racismo e Serviço Social.

STHEL, Fernanda Gonçalves; Silva, Luciane Soares. A crise da pandemia da Covid-19 desnuda o racismo estrutural no Brasil. Revista da Associação Portuguesa de Sociologia, N. 26, p.11-32, agosto, 2021.

SOARES, Yasmin. A violência obstétrica no Brasil. Abr de 2019. Disponível em:
< <https://medium.com/@iasminsoares/a-viol%C3%Aancia-obst%C3%A9trica-no-brasil-2a56c4e38320>>. Acesso em 12 out de 2022.

